

A mulher contemporânea e a maternidade: como a vida profissional e a escolaridade influenciam no desejo de ser mãe?

Bruna Corrêa Martins
Julia Gonçalves de Bitencourt
Sendy Pisoni de Souza Teixeira
Bruna Martins dos Santos
Maúcha Sifuentes

Resumo: O número de gestações em mulheres com 35 anos ou mais tem crescido no Brasil e no mundo. Essas causas podem estar relacionadas ao tempo de educação das mulheres e a sua inserção no mercado de trabalho, que possivelmente influenciam no adiamento da maternidade. Esses movimentos trouxeram algumas mudanças, não apenas para suas rotinas, mais também para seus projetos de vida. Estudos mostram que, atualmente, muitas mulheres optaram por procurar uma capacitação, entrando em faculdades e colocando sua carreira profissional a frente da maternidade. A escolaridade pode influenciar na escolha de serem mães, ou não, e no planejamento da maternidade, pois há um desejo pela solidificação da carreira e estabilidade financeira. Além disso, há à busca por conhecimento, desenvolvimento, igualdade, maior autonomia, independência e anseio por crescer, estudar e evoluir profissionalmente. Este artigo foi elaborado com a proposta da disciplina de “Maternidade: Prevenção e Promoção”, do curso de Psicologia da Faculdade Cesuca e tem como objetivo o levantamento de dados sobre a escolaridade, a carreira e o projeto de maternidade das mulheres. O estudo contou com uma pesquisa online de natureza quantitativa e caráter descritivo, que teve o intuito de identificar mulheres que adiaram a maternidade em função dos estudos e da inserção no mercado de trabalho. Desse modo, foi possível perceber com base na pesquisa realizada com 67 mulheres, com idade superior a 20 anos, de diferentes localidades do Rio Grande do Sul, sendo a maioria da região metropolitana de Porto Alegre, que quanto maior é o seu grau de escolaridade, mais a maternidade é adiada e planejada.

Palavras-chave: Planejamento da maternidade; Adiamento da maternidade; Estabilidade financeira.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, houve algumas mudanças consideráveis de mulheres que passaram a optar pela gestação tardia, ocorrente após aos 35 anos. Esse aumento se dá à medida que cresce a presença das mulheres no mercado de trabalho fazendo com que o sucesso e a solidez da carreira se tornem uma das suas principais formas de realização pessoal (Andrade, Linhares, Martinelli, Antonini, Lippi & Baracat, 2004).

Há também uma relação quanto ao grau de instrução dessas mulheres, conforme os dados do IBGE, o qual relata que quanto menor a sua escolaridade maior o número de filhos (Vieira, 2010). Segundo (Barbosa & Coutinho, 2007), há uma diminuição no número gestacional entre as mulheres das classes médias e altas.

A escolha de ter ou não filhos, pode ser considerada uma dúvida complexa, pois traz questões de sentimentos contraditórios, ainda mais quando se trata da pressão social, insinuando que mulheres precisam ter filhos. Entretanto, mudanças estão acontecendo, mulheres estão mostrando serem donas de si, tomando decisões sobre seu controle, diferentemente de décadas atrás, onde culturalmente muitas delas eram submissas aos seus parceiros (Barbosa & Coutinho, 2007).

No presente trabalho, será abordado as mudanças do papel da mulher, o significado da maternidade tardia. Além disso, serão apresentados os resultados da pesquisa empírica realizada com 67 mulheres, recrutadas através das redes sociais, com idade superior a 20 anos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A MUDANÇA DO PAPEL DA MULHER

Mesmo assumindo outras funções, o papel das mulheres historicamente era de ser mãe, ou seja, reprodutora e esposa. A mulher contemporânea vem assumindo diferentes representações femininas construídas ao longo da história. No entanto, uma parte da sociedade ainda coloca a maternidade como um destino certo para a mulher, submetendo-a a isso. Alega-se socialmente que, mulheres só estarão completamente realizadas, quando aceitarem e cumprirem essa missão imposta a elas, segundo (Beauvoir, 2009 citado por Rezende).

Entretanto, nem todas as mulheres desejam ser mães. Quando exercem a maternidade contra sua própria vontade, pode tornar-se algo prejudicial, tanto para a mãe quanto para o seu bebê (Beauvoir, 2009 citado por Rezende).

Antigamente, muitas mulheres que não se tornavam mães e esposas eram vistas como pessoas incompletas, infelizes e não femininas. Seu papel era de subordinação ao próximo, servindo, apenas, para satisfazer as necessidades de quem fazia parte de suas relações. Conforme foram conquistando a liberdade para fazerem escolhas, as mulheres passaram a pensar em si mesmas, planejando suas vidas e realizando suas próprias vontades (Coutinho, 1994 citado por Fidelis & Mosmann, 2013).

Sendo assim, nas últimas décadas, uma quantidade crescente de mulheres têm vivenciado a experiência de gravidez após os 35 anos, ao contrário do que acontecia, quando mulheres tinham filhos mais jovens. A maioria era adolescente quando se tornavam mães, trazendo uma impressão de crianças cuidando de outras crianças. No presente, há uma aposta nos avanços da medicina para vencer os desafios biológicos da maternidade tardia, formando, então, uma nova concepção de família. Considerando que a expectativa de vida das mulheres brasileiras gira em torno aos 72 anos, e que suas filhas também optarem pela maternidade tardia, essas possivelmente não serão bisavós (Gomes, Donelli, Piccinini & Lopes, 2008).

Nesse sentido, há um estudo desenvolvido no Rio de Janeiro, feito com dez mulheres que optaram por não serem mães, constatando que as participantes construíram um projeto de vida no qual a maternidade não se encaixava e era visto como um impedimento para a realização dos objetivos traçados. Mesmo que essas mulheres se considerem produtivas e realizadas, de acordo com as suas expectativas, isso não afasta elas das angústias e conflitos, presentes, também, naquelas que optaram pela maternidade (Bonini Vieira, 1996 citado por Barbosa & Coutinho, 2007).

A mulher demonstra estar assumindo sua possibilidade de escolha, quando estuda e exerce uma carreira profissional e com isso, adiando o desejo por ser mãe (Barbosa & Coutinho, 2007). Estudos mostram que as mulheres estão inseridas cada vez mais no mercado de trabalho (Carvalho & Almeida, 2003 citado por Patias & Buaes, 2012), indicando que, muitas delas, focaram em ter sucesso nas suas carreiras e, somente depois de estarem em uma posição estável, decidirem engravidar ou não (Patias & Buaes, 2012). Hoje, há um novo movimento entre o universo feminino, em que se busca autonomia e independência profissional e financeira, sendo esses fatores uma possível influência na escolha de exercer a maternidade (Szapiro & Féres-Carneiro, 2002).

2.2 O SIGNIFICADO DA MATERNIDADE TARDIA PARA AS MULHERES

Entende-se por gravidez tardia as gestações que ocorrem na faixa etária de 35 anos ou mais (Andrade, Linhares, Martinelli, Antonini, Lippi & Baracat, 2004). A ocorrência desse tipo de gravidez vem crescendo em todos os locais, principalmente em países desenvolvidos e/ou em desenvolvimento (Gonçalves & Monteiro, 2012).

A maternidade tardia pode significar, para as mulheres, uma série de sentimentos satisfatórios, possibilidades de superação e outras percepções relacionados ao seu planejamento. Além da maior possibilidade de segurança nos relacionamentos íntimos, com a família, e em relação à estabilidade financeira que poderá ser alcançada (Parada & Tonete, 2009).

No Brasil, conforme dados do Sistema de Informação de Nascidos Vivos (SINASC, 2013), de 100% dos nascidos vivos, em torno de 11% são de gestantes com 35 anos ou mais. Esse adiamento da gestação é explicado pela maior facilidade aos acessos de controle de natalidade, aos tratamentos de infertilidade, solidificação da carreira profissional e busca pela estabilidade financeira (Santos, Martins, Sousa & Batalha, 2009).

Conforme a pesquisa do IBGE (Vieira, 2010), quanto menor a escolaridade das mulheres, mais filhos elas têm. O estudo mostra que mulheres com até 7 anos de escolaridade têm quase o dobro de filhos, quando comparadas àquelas que passaram 8 anos ou mais nas escolas. Ademais, há pesquisas de que a mulher de cor parda e preta, de baixa escolaridade e renda familiar, em função do acesso restrito à informação e dificuldades no uso de métodos contraceptivos e preservativos, estão mais expostas a uma gestação não planejada (Mattos, 2003).

Pesquisas nos mostram que há uma diminuição do número de filhos dentre as mulheres de classes média e alta. Sugere-se que esse fato ocorra pelo número crescente de mulheres que acreditam que a maternidade não é a única experiência emocional e gratificante que a vida pode proporcionar. Sendo assim, muitas delas se questionam sobre seu desejo de ser mãe e se posicionam de forma que elas quem decidem sobre isso (Barbosa & Coutinho, 2007).

A mulher contemporânea divide-se entre o público e o privado e as contradições morais desses espaços. Ela procura diferentes formas de comunicação, e a maternidade não é o único modo de se expressar, pois existem outros papéis e concepções da figura feminina que as permitem viver a vida de acordo com o que desejam (Molina, 2006 citado por Beltrame & Donelli, 2012).

O crescimento da gravidez após 35 anos, vem sendo um desafio por mulheres que pretendem estudar e trabalhar. Esse é um tema complexo que envolve à família, à sociedade e suas escolhas íntimas, além da mudança de aspectos desenvolvidos pelo meio social relacionado à subordinação da mulher ao poder masculino, a qual era imposta, basicamente, a função de procriação, manutenção do lar e educação dos filhos (Garcia, 2009).

3 OBJETIVO

Em virtude do aumento de mulheres optando pela maternidade tardia, o objetivo deste trabalho é analisar a quantidade de mulheres que decidem pela maternidade tardia.

4 MÉTODO

O presente trabalho é resultado de uma atividade da disciplina de “Maternidade: Prevenção e Promoção”. Após uma etapa de pesquisas bibliográficas foi elaborado um instrumento para levantamento de dados. O levantamento foi feito online, com 67 mulheres.

O questionário é de natureza quantitativa e caráter descritivo, baseado na concepção de que os resultados podem ser mostrados em números. A coleta de dados para essa pesquisa foi realizada entre os meses de agosto e setembro de 2018.

A caracterização das participantes pode ser vista na tabela 1 e tabela 2. Considerando-se os cuidados éticos, sem divulgar os nomes e informações que pudessem identificar as participantes.

4.1 PARTICIPANTES

Participaram desta pesquisa 67 mulheres, recrutadas através de redes sociais, segundo critérios de conveniência, com idade superior a vinte anos, e de diferentes localidades do Rio

Grande do Sul. Em sua maioria, as mulheres eram da região metropolitana de Porto Alegre. Houve uma variação de escolaridade desde ensino fundamental até o ensino superior.

4.2 INSTRUMENTOS

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário através da plataforma online do Google. O roteiro foi composto de questões que buscavam levantar dados sobre a relação da escolaridade e maternidade das participantes, visando quais informações seriam mais relevantes para elaboração da pesquisa. Nesse questionário foram perguntadas qual a idade das participantes, a escolaridade (ensino fundamental, médio ou superior) e se têm filhos e/ou filhas. Para as participantes que responderam afirmativamente para essa última, possuindo filhos, foi questionado a quantidade e a idade de todos os descendentes e se a gravidez foi ou não planejada. Para as mulheres que responderam “não” sobre serem mães, foi perguntado se a maternidade era um desejo e os motivos para isso.

4.3 PROCEDIMENTOS

O questionário *online* para a coleta de dados foi divulgado entre as mulheres por meio das redes sociais de comunicação. Esse ficou disponível por 2 dias e as respostas nele encontradas foram contabilizadas e separadas de acordo com as perguntas realizadas.

A participação foi voluntária e na divulgação do questionário informamos que os dados ali coletados, seriam sigilosos e serviriam para fins de pesquisa universitária. Com o intuito de manter o sigilo sobre esses dados, preservando à identidade das participantes.

5 RESULTADOS

A presente pesquisa teve o objetivo de identificar se as mulheres que estão cursando ou já cursaram o ensino superior, planejaram seus filhos. Participaram dela 67 mulheres, conforme a análise feita sobre o resultado da pesquisa, 38 mulheres estão cursando, ou já cursaram o ensino superior, 25 têm o ensino médio completo e quatro fizeram apenas o ensino fundamental.

Dentre as que responderam ter o ensino fundamental completo, 3 delas têm filhos ou filhas, que não foram planejados, e, uma ainda não é mãe, mas tem o desejo de ser. Das mulheres que concluíram o ensino médio, 21 delas são mães, entretanto, 15 não planejaram a gravidez. Ainda nesse público quatro não têm filhos, contudo duas dessas não planejam ter e as outras 6 informaram ter planejado à maternidade.

Já entre as mulheres que estão cursando ou já concluíram o ensino superior, 28 delas não têm filhos. No entanto, 17 gostariam de ter futuramente, cinco não querem ser mães por motivos financeiros, relacionados à independência ou por falta de desejo, e seis, dentre as vinte e oito, ainda estão na dúvida sobre a maternidade. Das dez mulheres desse nível de escolaridade, que tiveram filhos, apenas uma que teve não planejou a gravidez.

Tabela 1: Comparação escolaridade x maternidade

Escolaridade	Total de Mulheres	Com filhos	Sem filhos
Ensino Fundamental	4	3	1
Ensino Médio	25	21	4
Ensino Superior	38	10	28
Total	67	34	33

Tabela 2: Comparação do planejamento de gravidez entre as escolaridades

Escolaridade	Mulheres com filhos	Planejado	Não planejado
Ensino Fundamental	3	0	3
Ensino Médio	21	6	15
Ensino Superior	10	9	1
Total	34	15	19

6 DISCUSSÃO

Tomando como base os objetivos desta pesquisa, foi possível perceber que, quanto maior a escolaridade das mulheres, mais elas planejam e/ou adiam a maternidade, se questionam sobre seu desejo de ser mãe, ou optaram por não terem filhos.

Os resultados encontrados mostram que a escolaridade e a vida profissional podem estar influenciando sobre a decisão pela maternidade entre as mulheres. Percebe-se a nova perspectiva de vida das mulheres, relacionado ao meio profissional, e como muitas se organizam perante isto, para escolher o momento que consideram como certo para a experimentação da maternidade, sem deixar de se realizar profissionalmente. A pesquisa mostra, também, que mulheres que possuem baixa escolaridade tendem a terem mais filhos, dos quais, na maioria não são planejados, corroborando dados da literatura.

Durante a pesquisa, foi possível verificar uma diferença relevante de opiniões e de vivências entre mulheres de alta e baixa escolaridade. Levando em conta as limitações da pesquisa, considera-se que a coleta de dados para este levantamento é significativa para o conhecimento científico a respeito da maternidade contemporânea.

A sociedade coloca a maternidade como um destino para a mulher, e não está pronta para receber as novas demandas do universo feminino que vem assumindo diferentes representações (Beauvoir, 2009 citado por Rezende). Pondera-se de suma importância obter mais dados e resultados sobre a maternidade na atualidade, pois esse é um acontecimento que está reestruturando as concepções de família a cada dia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se através da pesquisa que a escolaridade influencia na decisão de adiar a maternidade, sendo o maior grau de instrução e a classe social fatores relevantes na quantidade de filhos e opção de ser ou não mãe. No entanto, ainda se faz necessário averiguar por qual motivo as

mulheres em situação de escolaridade nível básico têm mais filhos, se os programas de assistência estão sendo efetivos e qual a visão delas sobre a maternidade.

Pode-se constatar, também, que hoje algumas mulheres querem conquistar maior autonomia, independência e estabilidade financeira. A gravidez pode ser considerada um impedimento no alcance do sucesso profissional e na obtenção de outras formas de experiência de vida e realização pessoal.

Apesar das significativas mudanças alcançadas ao longo do tempo no que diz respeito a maternidade ser uma decisão da mulher, ainda se faz necessário apoiá-las quando optarem pela carreira profissional, visto que a angústia por ser mãe e a pressão social continuam existindo.

REFERÊNCIAS

- Andrade, P. C., Linhares, J. J., Martinelli S., Antonini, M., Lippi, U. G., & Baracat, F. F. (2004). Resultados perinatais em grávidas com mais de 35 anos: Estudo Controlado. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 26(9), 697-702.
- Barbosa, P. Z. & Coutinho, M. L. R. (2007). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, 19(1), 163-185.
- Beltrame, G. R., & Donelli, T. M. S. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia*, 38/39, 206-217.
- Fidelis, D. Q., & Mosmann, C. P. (2013). A não maternidade na contemporaneidade: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. *Aletheia*, 42, 122-135.
- Garcia, L. (2009). A mulher e a evolução dos seus direitos. Disponível em (<https://espacovital.jusbrasil.com.br/noticias/1944790/a-mulher-e-a-evolucao-dos-seus-direitos>)
- Gomes, A. G., Donelli, T. M. S., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2008). Maternidade em idade avançada: aspectos teóricos e empíricos. *Interação em Psicologia*, 12(1), 99-106.
- Gonçalves, Z. R., & Monteiro, D. L. M. (2012). Complicações maternas em gestantes com idade avançada. *Revista Femina*, 40(5), 275-279.
- Mattos, J. G. (2003). Direitos sexuais e reprodutivos: como incluir os homens? Disponível em (http://www.nepp-dh.ufrj.br/ole/textos/t_dirsex_mattos.pdf)
- Parada, C. M. G. L. & Tonete, V. L. P., (2009). Experiência da gravidez após os 35 anos de mulheres com baixa renda. *Esc. Anna Nery*, 13(2), 385-392.

- Patias, N. D. & Buaes, C. S., (2012). “Tem que ser uma escolha da mulher”! Representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. *Psicologia & Sociedade*, 24(2), 300-306.
- Rezende, G. C. V., Fatores que influenciam as mulheres à maternidade: construto biopsicossocial ou escolha ética? Disponível em (<http://cress-mg.org.br/hotsites/Upload/Pics/cc/cc1b4f7a-0f95-4eea-8602-75ce0fa17be9.pdf>).
- Santos, G. H. N., Martins, M. G., Sousa, M. S., & Batalha, S. J. C. (2009). Impacto da idade materna sobre os resultados perinatais e via de parto. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 31(7), 326-334.
- Szapiro, A. M. & Férez-Carneiro, T. (2002). Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(1), 179-188.
- Vieira, I., (2010). Mulheres mais escolarizadas têm menos filhos, confirma IBGE. Disponível em (<https://educacao.uol.com.br/noticias/2010/09/17/mulheres-mais-escolarizadas-tem-menos-filhos-confirma-ibge.htm>).